

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE

Faculdade de Educação e Comunicação

Aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem

Estudante: Penafiel Momade Braimo Abuchama

Curso: Psicopedagogia

Nampula, Janeiro de 2023

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE

Faculdade de Educação e Comunicação

Aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem

Monografia submetida à Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação na Cidade de Nampula, como requisito parcial para aquisição do grau de Licenciatura em Ciências da Educação com especialização em Psicopedagogia.

Supervisor: Tomas Alfredo, MA.

Nampula, Janeiro de 2023

ÍNDICE

Declaração	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos	III
Lista de siglas e acrónimos	IV
Lista de quadros.....	V
Resumo	VI
INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Delimitação	2
1.2. Problemática	2
1.3. Objectivo geral.....	3
1.4. Objectivo específico	3
1.5. Questões de investigação	3
1.6. Justificativa	3
1.7. Estrutura do trabalho.....	4
CAPITULO II: REVISÃO DE LITERATURA.....	6
2. Conceitos principais	6
2.1. Classificação do feedback.....	7
2.2. Condições necessárias para dar um <i>feedback</i>	8
2.3. Estratégias para dar <i>feedback</i>	9
2.4. Níveis de <i>feedback</i>	10
2.4.1. <i>Feedback</i> dirigido à tarefa	10
2.4.2. <i>Feedback</i> dirigido ao processo	10
2.4.3. <i>Feedback</i> dirigido a auto-regulação	11
2.5. Como dar <i>feedback</i>	11
2.6. Importância do <i>feedback</i>	13
2.7. Processo de Ensino e Aprendizagem	14

2.7.1.	Aprendizagem.....	14
2.7.2.	O ensino.....	16
2.8.	O que é uma estratégia de ensino.....	16
2.9.	A estratégia de ensino operacionalizada em actividades e tarefas de gestão.....	16
2.10.	A comunicação em sala de aulas.....	17
CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....		18
3.	Metodologia.....	18
3.1.	Tipo de pesquisa	18
3.2.	Quanto ao objectivo	19
3.3.	Estudo de Caso.....	20
3.4.	Técnicas de Colecta de Dados	20
3.4.1.	Entrevista.....	20
3.4.1.1.	Entrevista semiestruturada	21
3.5.	Participantes.....	21
3.6.	Técnicas de Análise de Dados	21
3.7.	Técnicas de Análise do Conteúdo.....	21
3.8.	Descrição do Local de Estudo	22
3.9.	Considerações Éticas	22
3.10.	Limitações do Estudo.....	22
CAPITULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS		23
4.1.	Categoria: Tipos de <i>feedback</i>	23
4.1.1.	Subcategoria: Conceito de <i>feedback</i>	23
4.1.2.	Subcategoria: Tipos de <i>feedback</i>	24
4.2.	Categoria: Pertinência em fornecer o <i>feedback</i>	25
4.2.1.	Subcategoria: Para que serve o <i>feedback</i> no PEA.....	25
4.2.2.	Subcategoria: Pertinência do <i>feedback</i> no PEA	26

4.2.3.	Subcategoria: A relação entre o <i>feedback</i> e o aproveitamento pedagógico	27
4.2.4.	Subcategoria: O <i>feedback</i> como estratégia pedagógica	28
4.3.	Categoria: Condições para fornecer o <i>feedback</i>	30
4.3.1.	Subcategoria: Condições que fornece o <i>feedback</i>	30
4.3.2.	Subcategoria: Como o professor fornece o <i>feedback</i>	31
4.3.3.	Subcategoria: A forma de fornecer o <i>feedback</i>	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS		34
Recomendações		35
Referências bibliográficas		37
Anexo		40
Credencial dirigido a Escola a pedido de autorização para recolha de dados		40
Apêndices		41
Apêndice A: Guião de entrevista dirigido ao professor		42
Apêndice B: Guião de entrevista dirigido aos alunos		44
Apêndice C: Registo das respostas		46

Declaração

Eu, Penafiel Momade Braimo Abuchama, declaro que esta monografia com o tema “Aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem”, constitui um trabalho de conclusão de curso submetido a Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação. A realização deste trabalho é um requisito parcial para a aquisição do grau de Licenciatura em Ciências da Educação com especialização em Psicopedagogia. Esta pesquisa é de minha autoria, fruto de investigação realizada sob-estrita supervisão do meu supervisor no ano de 2022. A presente monografia, nunca foi apresentada em qualquer centro Universitário ou outro centro de formação para a aquisição de qualquer grau académico. Neste trabalho contem fontes de todo o material didáctico nele usado e citadas de acordo com o regulamento vigente na Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação “A sexta edição das Normas APA – 2017) ”. Por fim, encontro-me ciente de qualquer declaração falsa e será passível de consequências legais.

Nampula, Janeiro de 2023

Penafiel Momade Braimo Abuchama

Dedicatória

Dedico esta monografia à minha família, em especial ao meus país o Sr. Momade Braimo Abuchama e a Sra. Agira Amade, que estiveram comigo durante o percurso da minha formação e prestaram apoios monetários e emocionais, eles dedicaram a maior parte de suas vidas cuidando de mim empenhados em mostrar o discernimento do certo e o errado, fizeram-se presente desde o ano de 2007 que ingressei a escola primária e até os dias actuais nutrem o desejo de ver o seu filho alcançar outros horizontes.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, começo por agradecer à Deus (Allah) por tudo quanto sou.

Depois, agradeço ao meu pai, O Sr. Momade Braimo Abuchama, pelo incentivo, pela motivação, pelo patrocínio, pela confiança em mim depositada e a sua dedicação na minha formação académica.

À minha mãe, A Sra. Agira Amade, que sempre acreditou em mim, depositou a sua confiança em mim e a sua dedicação na minha formação académica.

Aos meus irmãos à Maria Sandra e Amade Abuchama que me ajudaram na aquisição de material didáctico, pelo amor e pela motivação que me deram nos momentos difíceis.

Ao meu Supervisor Tomás Alfredo, M.A., pela orientação, pelo *feedback* e pela sua pela sua prontidão em ceder o seu tempo.

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram em mim, e se despuseram a ajudar-me aquando de alguma aflição.

Aos meus colegas, pelos momentos que passamos juntos, pelo incentivo e pelo companheirismo demonstrado.

E a todos que directa ou indirectamente prestaram ajuda na consumação deste trabalho.

Muitos Obrigados.

Lista de siglas e acrónimos

A – Aluno

PEA – Processo de Ensino e Aprendizagem

P – Professor

Lista de quadros

Quadro 1: Como dar bom <i>feedback</i>	12
--	----

Resumo

A presente monografia com o tema “Aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino Aprendizagem” tem como objectivo compreender a importância do *feedback* no Processo de Ensino e Aprendizagem. *Feedback* é uma terminologia composta por dois radicais de origem inglesa “*feed*” e “*back*” tidos como alimentação e voltar, assim retroalimentação, um acto em que a informação recai sobre alguém, no PEA, estamos perante a situação do professor para o aluno. Refere-se a perseverança, o dinamismo que o professor usa para comunicar aos seus alunos sobre o progresso das suas aprendizagens, o professor pode usar o *feedback* como técnica formativa para ajudar na melhoria dos seus alunos e como técnica avaliativa para propor um julgamento, assim o professor deve intervir com o *feedback* mediante o alcance dos objectivos. Esta pesquisa foi conduzida na Escola Secundária de Nampula, localizada na Cidade de Nampula no ano de 2022. Trata-se de pesquisa qualitativa, objectivo descritivo e estudo de caso. A pesquisa teve um núcleo de 6 participantes com 3 professores e 3 alunos. Dos resultados obtidos, concebeu-se que o *feedback* é uma técnica aplicada naquela instituição de ensino, não como técnica pedagógica, mas como forma de controlo.

Palavras-chaves: *Feedback*, Professor, Aluno, Estratégia, PEA.

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema a “Aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem”. Na sociedade em que vivemos é necessário que haja uma comunicação interactiva activa entre o emissor e o receptor, para que se possa desenvolver uma comunicação perceptível. No processo de ensino e aprendizagem, pode-se destacar os integrantes da comunicação da seguinte maneira: professor (emissor) e o aluno (receptor) e/ou vice-versa. Desta maneira, consagra-se o papel do *feedback* como uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem, tendo em conta que o ensino e a aprendizagem são duas facetas de uma única moeda em que, o ensino pressupõe que exista um professor, mediador e/ou educador e a aprendizagem pressupõe que exista um aprendiz, um aluno, um estudante ou uma pessoa com predisposição a aprender.

Ora bem, é deveras importante conhecermos qual é a aplicação que o *feedback* destaca no processo de ensino e aprendizagem. Como referia-se anteriormente, numa comunicação encontramos integrados duas figuras das quais tem-se o emissor e o receptor, implica conscientizar que o *feedback* destaca um papel de retorno a informações que vão tendo acontecimento ao longo de um discurso, um encontro e/ou conversação. Isto é, no processo de ensino e aprendizagem, o *feedback* vai marcando a sua presença ao longo das aulas, da comunicação entre o professor e o aluno através de actividades extracurriculares etc.

A comunicação no processo de ensino e aprendizagem é um factor extremamente importante, porque é através dela que o professor e o aluno vão se comunicar e manter-se informados, isto é, é a partir da comunicação que se vai obtendo o posicionamento de ambas as partes relativamente a uma temática em mediação e/ou temática anteriormente mediada com vista a aprofundá-la melhor, nesta comunicação, vão se evidenciar aspectos pelos quais o professor e o aluno devem manter a atenção voltada, ou seja, durante a comunicação o aluno vai abrindo as suas dificuldades e o professor vai ajudá-lo a ultrapassar.

Lopes e Silva (2015) o *feedback* consiste em informações sobre a aprendizagem fornecidas aos alunos pelos professores – *feedback* professor aluno – *feedback* aluno-professor-, com a finalidade de melhorar o ensino e a aprendizagem. Podem ser formais ou informais que incluem comentários escritos em trabalhos e testes e mensagens verbais e não verbais fornecidas quando se oferece uma actividade que decorre na sala de aula ou quando os alunos participam em discussões (p. 99).

Assim, nesta pesquisa visa-se descrever pormenorizadamente a importância e aplicação do *feedback* no processo de ensino e aprendizagem com base na revisão de literatura e estudo de campo para demonstrar a eficiência da temática em alusão.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa optou pela revisão de literatura, com uma pesquisa qualitativa, visto que essa pesquisa se caracteriza pelos estudos fenomenológicos, isto é, estudos que se centram em fenómenos sociais, com objectivo descritivo e estudo de caso.

1.1. Delimitação

A delimitação desta pesquisa, está consagrada em duas dimensões, das quais: a dimensão espacial e a dimensão temporal. Na dimensão espacial, diz respeito ao local onde será observada a pesquisa sendo que a pesquisa foi realizada na Cidade de Nampula, na Escola Secundária de Nampula. No que concerne a dimensão temporal diz respeito ao tempo que levou para a sua consumação, a pesquisa foi realizada no ano de 2022.

1.2. Problemática

A aplicação do *feedback* enquanto técnica pedagógica é uma prática deveras importante na instituição de ensino, visto que o *feedback* é concebido como uma técnica e/ou estratégia fundamentada em avaliação de diagnóstico e avaliação formativa, comentários e outras atitudes que o professor tomará para auxiliar e corrigir algumas concepções dos seus alunos, esta prática, estabelece uma relação incessante entre o processo de ensino e aprendizagem e entre aluno-professor e/ou vice-versa, no decurso das aulas, o uso desta técnica visa dimensionar os horizontes dos alunos através do preenchimento das lacunas e correcção das dificuldades manifestadas previamente. Outrora esta realidade foi usada no sentido de melhorar e aprimorar as capacidades cognitivas dos alunos, mas esta realidade nem sempre tem sido a mesma.

É na base do supracitado que a presente pesquisa vem intervir no sentido de procurar compreender o emprego do *Feedback* no Processo de Ensino e Aprendizagem, assim a pesquisa visa compreender como a aplicação desta estratégia pode impulsionar na melhoria do aproveitamento pedagógico, na motivação dos alunos, na melhor qualidade de comunicação entre professor e aluno e redução das probabilidades de Fracasso Escolar, Desistências e Repetências e só desta maneira é exequível condicionar uma educação próspera para o aluno. Apesar de o *feedback* dispor de inúmeras vantagens, ainda é uma estratégia negligenciada. Então, é desta maneira que é-nos colocada a seguinte questão de partida:

- De que forma, o *feedback* é aplicado como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem?

1.3. Objectivo geral

- Compreender a aplicação do *Feedback* como estratégia mediadora no Processo de Ensino Aprendizagem.

1.4. Objectivo específico

- Classificar os tipos de *feedback* usados pelos professores no PEA;
- Descrever a pertinência em fornecer o *feedback* no PEA;
- Evidenciar as condições para fornecer o *feedback* no PEA.

1.5. Questões de investigação

- Quais são os tipos de *feedback* usados pelos professores no PEA?
- Qual é a pertinência em fornecer o *feedback* PEA?
- Em que condições se pode fornecer o *feedback* no PEA?

1.6. Justificativa

A realização da presente monografia é um requisito imprescindível para a aquisição do grau de Licenciatura em Ciências da Educação com Especialização em Psicopedagogia. Submete-se a presente monografia à Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação, na Cidade de Nampula, Av. 25 de Setembro, 512.

No ponto de vista académico, a temática em abordagem versa-se em proporcionar mais auxílio aos formandos nas áreas das Ciências da Educação e aos Académicos na sua generalidade. Assim, este estudo busca aludir soluções que ajudem a melhorar a comunicação do professor e o aluno, a transmissão do *feedback*, o aproveitamento pedagógico, profissional e pessoal do professor e do aluno. Salienta-se que, o bom aproveitamento pedagógico do aluno é considerado o rendimento do professor e consequentemente um bom acompanhamento que o professor dispôs ao aluno, por isso, importa referir que quanto melhor forem as situações de interacção entre ambos (professor-aluno, aluno-professor) melhores resultados se devem esperar, o que implicará num ensino de qualidade, uma instrução eficiente e uma educação promissora.

No entanto, espera-se que com esta pesquisa ao proporcionar mais conteúdos aos académicos e leitores interessados neste tema, possam ganhar de forma difusa mais conceitos e ampliar os seus horizontes relativamente a presente temática designada “Aplicação do *Feedback* como

estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem”, visto que na sua dissolução no CAPÍTULO-II da presente pesquisa, serão difundidos os pontos fulcrais da investigação tais como: a importância, as necessidades de dar e receber o *feedback*, as estratégias, as formas, aplicação do *feedback* etc.

Acredita-se que, na perspectiva social esta temática é demasiada importante porque visa esclarecer aos pais encarregados, tutores e/ou educadores sobre a inerente importância da aplicação do *feedback* no PEA. É importante que para os pais encarregados, tutores e/ou educadores, conheçam esta temática, porque através do seu conhecimento eles podem impulsionar os filhos a desenvolverem uma comunicação efectiva com os seus professores, consciencializando-os da necessidade constante de comunicação entre ambos no PEA.

1.7. Estrutura do trabalho

A presente monografia obedece aos critérios estabelecidos pela Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação. No que, ao longo do seu desenvolvimento seguiu fielmente os seguintes itens: Elementos pré-textuais; Introdução; Revisão de literatura; Metodologias de Investigação, Apresentação, Análise e tratamento de dados e Conclusões.

Os elementos pré-textuais ademais são dados cruciais na identificação da Instituição a que se submete a presente pesquisa: tais como a Capa e Folha de rosto. Já, o índice é, portanto, o local em que permite-nos ter acesso a uma leitura selectiva, tem-se também, a declaração, a dedicatória, os agradecimentos, a lista de siglas e acrónimos, lista de quadros. Por último, tem-se em consideração o resumo que é tão-somente uma síntese do trabalho.

Na secção introdutória do trabalho, constam os dados preliminares da pesquisa, isto é, dados que situem o leitor a compreender em que contexto é realizada a pesquisa, quais são os objectivos da pesquisa, as questões da pesquisa, a problemática e a relevância do tema em alusão.

Revisão de literatura, nesta secção são discriminados conceitos em pormenores com vista a discernir e responder os objectivos, as hipóteses e questão de investigação previamente propostos na secção introdutória (actual) através de pesquisas feitas anteriormente com a mesma temática e/ou temáticas que reiteram conceitos-chaves referentes a pesquisa em alusão sustentando a credibilidade do tema em alusão.

A secção referente as metodologias, contém procedimentos metodológicos que visam caracterizar como será realizada a pesquisa, que tipo de pesquisa se trata, qual é o objectivo, quais são as técnicas que serão usadas para colheita de dados etc.

Análise e tratamento de dados, diz respeito a descriminação dos dados colhidos em campo e a sua devida análise e interpretação, isto é, uma secção organizada a sistematização e agrupação dos dados mediante categorias e subcategorias das quais a posterior serão discutidas.

A conclusão, que será constituída pelos resultados obtidos ao longo da investigação, das questões de investigações, da revisão de literatura, dos dados colhidos e interpretados e os resultados alcançados.

As recomendações, local que serão dispostas sugestões para a escola e futuras abordagens.

As referências bibliográficas, onde constam todas as fontes utilizadas na pesquisa.

Finalmente, os anexos e os apêndices.

CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo denominado Revisão de Literatura tem como objectivo principal definir os conceitos principais do tema em estudo, através de pesquisas bibliográficas que possam auxiliar o alcance dos seus objectivos. Neste capítulo, pretende-se elucidar ao leitor um entendimento globalizado sobre a temática. Assim Sampieri (2006) “revisão de literatura consiste em identificar, obter e consultar a bibliografia e outros materiais que sejam úteis para os objectivos do estudo, do qual se deve extrair e recompilar as informações relevantes e necessárias sobre o problema de estudo” (p. 57).

2. Conceitos principais

De acordo com Consoni (2010) “*feedback*, é uma palavra inglesa, do radical “*feed*”, alimentar, e do radical “*back*”, voltar, obtendo-se retro alimentar. O seu uso como uma ferramenta de gestão, está se tornando primordial na vida dos gestores” (p.34).

“O *feedback* é o conjunto de respostas que o professor fornece ao aluno sobre a correcção das diferentes actividades propostas, como, por exemplo, deveres de casa, trabalhos extra classe e contribuições em sala de aula” Vrasidas & McIsaac (1999, p. 25, cit. em Daros & Prado, 2015, p 03).

Piéron (1999, cit. em Alves, 2010) refere que “o *feedback* pedagógico é um dos pontos fulcrais no processo ensino-aprendizagem, é o ponto de união entre dois fenómenos complementares: a aprendizagem e o ensino” (p. 06).

Partindo das definições acima, o termo *feedback* é uma palavra de origem inglesa com o sentido retroalimentação, isto é, no PEA distingue-se como retroamento entre o professor e o aluno incidindo sobre as diversas actividades.

Segundo Reis e Reis (2008), definem a estratégia a partir da origem etimológica:

Estratégia é uma palavra de origem grega, *strategos*, que combina *stratos*, (exército), com *ag*, (liderar), donde podemos concluir que o seu significado literal é a liderança do exército ou a função do general do exército. É, portanto, proveniente do meio militar e foi aplicada com prioridade às empresas, e hoje em dia às organizações sem fins lucrativos, dado que todas pretendem obter uma posição de vantagem junto do seu mercado alvo, sem que isto tenha uma conotação estritamente comercial (p. 87)

Carvalho e Filipe (2014) “estratégia é criar a visão de um futuro possível e desejável, e procurar torná-la realidade, gerando valor” (p. 107).

“Ciência que, tendo em vista a guerra, visa a criação, desenvolvimento e a utilização adequada dos meios de coacção política, económica, psicológica e militar à disposição por estes fixados; conjunto dos meios e planos para atingir um fim” (Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, 2001, p. 358).

O termo estratégia é uma palavra oriunda da Grécia antiga *strategos*, que culmina com *stratos* (exercito) e *ag* liderar. Anteriormente, o termo costumava ser usado de maneira explícita no contexto militar, porém, podemos usá-la actualmente como um termo que pressupõe a aplicação dos meios disponíveis pretendendo o alcance de determinados objectivos.

2.1. Classificação do feedback

De acordo com Lopes e Silva (2012) existem duas modalidades do *feedback*: o *feedback* formativo versus *feedback* avaliativo.

O *feedback* é formativo quando se concentra nos resultados e nos processos de aprendizagem e faz referência específica à realização do aluno com vista à sua melhoria. Para isso, descreve o que foi dito e feito ou como foi realizado, evitando linguagem avaliativa sobre as posições duvidosa acerca de motivos ou intenções. Aborda “o quê, como e porquê de determinado problema” e mostra ao aluno como melhorar Shute (2008, cit. em Lopes & Silva, 2015, p. 102).

Pois, Shute (2008, cit. em Lopes & Silva 2015) apresenta os motivos pelos quais o *feedback* formativo pode melhorar a aprendizagem:

- **Informa os alunos** quando há uma lacuna entre seu nível de desempenho actual e o desempenho associado a um objectivo de aprendizagem desejado. Quando o aluno obtém esse tipo de *feedback* específico **sobre as suas dificuldades**, a incerteza e a ansiedade diminuem e a motivação melhora.
- **Reduz a carga cognitiva dos alunos**, e especialmente dos que estai a fazer esforços de melhoria. Os alunos muitas vezes sentem-se sobrecarregados com novas informações e exigências de desempenho dos professores, pelo que receber *feedback* específico e claro sobre como podem corrigir estratégias inadequadas, erros processuais ou equívocos simplifica o processo de melhoria.

O *feedback* avaliativo envolve um julgamento por parte do professor, com base em normas implícitas ou explícitas e torna os alunos mais propensos a reagir defensivamente e a não considerarem as informações disponibilizadas. O *feedback* avaliativo pode assumir as formas de (Tunstall & Gripps, 1996, cit. em Lopes & Silva, 2015):

- **Aprovação** – isso é um bom ensaio ou fizeste bem.
- **Reprovação** – isso não é suficientemente bom
- **Recompensa** – Vais ter mais um valor no final do período.
- **Punição** – Escreve novamente o texto.

É possível distinguir, na óptica de Lopes e Silva (2015) o *feedback* formativo do *feedback* avaliativo da seguinte maneira, o *feedback* é formativo quando tem como objectivo formar ou incidir na melhoria do aluno, porém, o *feedback* avaliativo pressupõe um julgamento por parte do professor e dirige os alunos em prol de informações como: aprovação, reprovação, recompensa e punição.

2.2. Condições necessárias para dar um *feedback*

Lopes e Silva (2015), não é suficiente que o professor forneça aos seus alunos para assegurar os resultados positivos na aprendizagem. Há necessidade que acompanhe a forma como os alunos utilizam. Para isso que é necessário que:

- Disponibilize um tempo na aula para conversar individualmente com os alunos. Para isso, planifique sessões formais de curta duração durante a aprendizagem de um determinado conteúdo;
- Faça um registo escrito do *feedback* que dá a cada aluno num diário de aprendizagem (Price & O'Donovan, 2006);
- Proporcione oportunidades de recuperação durante o tempo da aula. Deve encontrar um espaço para que os alunos pratiquem as melhorias sugeridas. Deve dar tempo, certa de 10 minutos em média, para que os alunos tenham oportunidades de ler e ouvir os sucessos e as sugestões de melhoria e para as aplicarem;
- Se tiver mais de um aluno com as mesmas necessidades de *feedback*, poder realizar sessões de *feedback* em grupo. As sessões de grupo permitem economizar tempo e também possibilitam que os alunos comentem e avaliem o desempenho de cada um. É importante observar como os alunos reagem a sessões de *feedback* grupal já que alguns podem mostrar-se relutantes em discutir questões de desempenho pessoal com os colegas (p. 108).

Importa salientar que não é somente a transmissão do *feedback* que o professor deve considerar, mas deve dar um acompanhamento sistemático, continuo e o dinamismo, isto implicará em disponibilizar um tempo para condicionar *feedback* individualmente ou em grupo, fazer

levantamento das preocupações, organizar oportunidades para os alunos se expressar durante a aula.

2.3. Estratégias para dar *feedback*

Segundo Lopes e Silva (2015), apresentam-se algumas estratégias que o professor pode utilizar para dar *feedback*:

- **Imagens e símbolos** – os alunos mais pequenos que ainda não sabem ler podem beneficiar do uso de indícios visuais que os ajudem a saber se estão no caminho certo e de que precisam de fazer para continuarem a aprender. O professor destaca com círculos, por exemplo, os três melhores aspectos de um trabalho de um aluno que se relacionam com o objectivo de aprendizagem ou salienta-os verbalmente.
- ***Feedback* escrito** – o *feedback* escrito é uma maneira eficaz de dar aos alunos oportunidade de voltar atrás no seu trabalho e corrigir os erros e assegurar a sua melhoria.
- **Usar destaques** – é uma boa técnica para dar aos alunos informações sobre os objectivos do trabalho forem cumpridos e superados. Consiste em destacar as áreas em que o aluno tenha feito bem com uma outra cor (por exemplo, azul) e as áreas que precisam de mais atenção uma outra cor (por exemplo, verde).
- **Comentários em *Post-It*** – usar um *Post-it* para dar aos alunos *feedback* durante o tempo de trabalho independente pode fornecer-lhes lembretes escritos curtos sobre o *feedback* verbal que receberam.
- **Tomar anotações para dar um *feedback* verbal** – quando circula pela sala e dá *feedback* verbal, tenha consigo um bloco com os nomes dos alunos. Anote as áreas a que deu *feedback* correctivo ou as áreas fortes do aluno. Use as anotações quando está a conversar com os alunos.
- **Conferencia de 3 minutos ou reunião individual** – comunicar aos alunos que o seu trabalho está quase perfeito mas que pretende reunir-se com eles para numa conversa rápida os ajuda entender onde esta na sua aprendizagem (p. 112).

Como descrito anteriormente por Lopes e Silva (2015) há diversas formas de transmitir o *feedback*, portanto, na transmissão do *feedback* o professor deve ser capaz de identificar o seu grupo de foco, porque algumas técnicas não se podem adaptar aos outros grupos, quer dizer, é preferível que o professor use símbolos e imagens para atender crianças em idade pré-escolar e evite o uso de comentários em *Post-It*.

2.4. Níveis de *feedback*

Para Lopes e Silva (2015) “Quanto ao nível, o *feedback* deve ser autodirigido à tarefa (B1), e não aos atributos pessoais do aluno, ao processo (B2) e à auto-regulação (B3)” (p. 104).

2.4.1. *Feedback* dirigido à tarefa

“O *feedback* deve concentrar-se no que o aluno faz e não em atributos pessoais, características que o professor pensa que o aluno tem (por exemplo: nervoso, extrovertido, inteligente, etc.)” (Lopes & Silva, 2015, p. 104).

O *feedback* eficaz disponibiliza informações que permitem que os alunos melhorem o seu desempenho e isto não acontece com o *feedback* dirigido ao “eu” ou atributos pessoais. Por isso, este *feedback* é o menos eficaz a melhorar a aprendizagem e raramente resulta em maior envolvimento, compreensão, comprometimento com os objectivos de aprendizagem e no aumento da auto-eficácia Lopes e Silva (2010, cit. em Lopes & Silva, 2015):

- Quando o *feedback* se dirige ao “eu” ou atributos pessoais, por exemplo: O professor pensa que eu sou inteligente; o professor gosta ou não gosta de mim (Dweck, 2007), os alunos tem medo de fracassar, minimizam o esforço e tendem a evitar os riscos envolvidos na realização de tarefas (Black & Wiliam, 1998). Mesmo o **elogio**, quando é dirigido ao “eu” ou à pessoa e, portanto, focado no que o professor pensa dos alunos não nas características do trabalho pode ter **efeitos negativos** sobre a aprendizagem. Vejamos alguns exemplos: *Tu és um grande aluno! Bom trabalho.*
- Sobre a apresentação que um aluno fez poderia dizer: *Falaste muito sobre as causas da desertificação, mas não referiste nenhuma contribuição para uma possível solução*, ao invés de *Estavas muito ansioso.*

Alem disso, quando o *feedback* se dirige à **tarefa** deve incluir sugestões para que o aluno adquira mais informações, informações diferentes ou para que corrija as que considerou anteriormente. Os comentários devem ser claros e concisos sobre a forma como a tarefa foi realizada. Por exemplo: *Precisas incluir mais informações para caracterizar a personagem principal do texto.*

2.4.2. *Feedback* dirigido ao processo

Conforme Lopes e Silva (2015) “o foco do *feedback* pode ser dirigido ao processo na realização da tarefa” (p. 105).

Quando o *feedback* se dirige ao processo de pensamento ou estratégia utilizado pelos alunos na realização das tarefas (processamento da tarefa) deve fornecer mais pistas ou utilizar perguntas para os ajudar a desenvolver ou melhorar as estratégias utilizadas no processo de aprendizagem. Por exemplo, como fazer um plano, encontrar factos, especialmente os que foram ensinados ou mesmo aqueles que o aluno usou aleatoriamente ou descobriu por si próprio (Brookhart, 2012, cit. em Lopes & Silva, 2015).

2.4.3. *Feedback* dirigido a auto-regulação

“O foco do *feedback* pode ser dirigido ao processo de auto-regulação da aprendizagem” (Lopes & Silva, 2015, p. 105).

Assim, neste caso, o objectivo do professor é apoiar o aluno ao nível da auto-regulação da aprendizagem. Os comentários de *feedback* têm por finalidade possibilitar um maior desenvolvimento de competências de auto-avaliação ou conferir mais confiança ao aluno para que se envolva e permaneça na tarefa, organize o tempo e demonstre disposições positivas perante as tarefas (Brookhart, 2012, cit. em Lopes & Silva, 2015).

Em adição a isto, o desenvolvimento de competências de auto-regulação e de avaliação pessoal permite que os alunos se tornem progressivamente mais autónomos na avaliação da sua aprendizagem e no estabelecimento de estratégias para a sua melhoria.

2.5. Como dar *feedback*

O *feedback* de professores, seja escrito ou oral, deve inicialmente concentrar-se no que o aluno tenha feito bem, antes de destacar as áreas que carecem de melhorias. O *feedback* deve incluir orientações sobre como o aluno pode fazer as melhorias necessárias (Lopes & Silva, 2012, p. 31).

Desta maneira, deve fluir e de professores para seus alunos. O *feedback* recebido pelo professor fornece informações crítica, que este precisa para identificar o estado actual da aprendizagem, e informa-o sobre os próximos passos da aprendizagem. O *feedback* dado ao aluno deve ser sob a forma de informações claras e descritivas, para que possa ser usado para melhorar a aprendizagem (Quadro 1). O *feedback* que não é não concedido para colmatar as lacunas da aprendizagem não cumpre a função do *feedback* de avaliação formativa (Sadler, 1989).

Por conseguinte, para os alunos em situação de insucesso, o *feedback* deve lidar, em primeiro lugar, com os sentimentos negativos, para quebrar o ciclo de fracasso. Para esses alunos, a

avaliação formativa pode ajudar a identificar os próximos passos específicos que podem realizar para fazerem melhor. Logo que os vejam que estão a fazer progressos em direcção aos objectivos pretendidos, são mais propensos a pensar que vale a pena continuar. Assim, para os alunos em situação de insucesso, o *feedback* formativo deve começar com afirmações de realização e de pequenas etapas (passos) realizáveis para a melhoria.

Nesta relação, entende-se que sempre que o professor dispõe um *feedback* para os seus alunos ele deve manter o seu foco naquilo que os alunos fizeram bem e o que se deve refazer. O *feedback* não pode se centrar no aluno, mas sim no conteúdo.

Quadro 1: Como dar bom *feedback*

Princípio: O <i>feedback</i> deve...	Sugestões	Exemplos
Descrever e informar (não julgar)	Descrever o trabalho, não o aluno.	NÃO: <i>Precisas de escrever uma hipótese melhor.</i> MELHOR: <i>A hipótese é demasiado vaga para ser testada.</i>
	Escolher adjectivos e advérbios que referem ao trabalho.	NÃO: <i>História interessante.</i> MELHOR: <i>O Fuscas é um personagem incrível.</i>
	Evitar palavras que façam ao aluno sentir-se mal (“fraco”).	NÃO: <i>Fraco.</i> MELHOR: <i>Deves acrescentar mais detalhes no teu sumário sobre a importância da reciclagem.</i>
	Deve indicar a própria resposta em vez de julgar o aluno.	NÃO: <i>Belo trabalho.</i> MELHOR: <i>A tua história deixou-me com uma enorme curiosidade de conhecer o teu tio.</i> NÃO: <i>Não és claro.</i> MELHOR: <i>Eu não consigo entender o que queres dizer com isto.</i>
Ser tão específico quanto possível.	Usar palavras específicas. Falar sobre aspectos particulares do trabalho.	NÃO: <i>Esforça-te mais.</i> MELHOR: <i>Faz mais exercícios com operações de divisão com transporte.</i>

Comunicar (informar) claramente com o aluno.	Escrever usando linguagem simples.	NÃO: <i>Não é claro.</i> MELHOR: <i>O teu argumento que o Capitão Metralha era louco não faz sentido porque... .</i>
Sugerir o que o aluno deve fazer para melhorar.	Descrever qual deveria ser o próximo objectivo ou meta de aprendizagem a curto prazo.	NÃO: <i>O relatório está óptimo.</i> MELHOR: <i>O relatório sobre as actividades realizadas no laboratório em todos os resultados correctos. Na próxima vez, descreve como come estes resultados levaram as conclusões sobre as hipóteses. Procura averiguar se onde vives há um centro de reciclagem. Como é que se relaciona com a informação do teu relatório? Tenta fazer cartões de revisão sobre a próxima aula sobre os conceitos importantes.</i>

Fonte: Lopes e Silva, (2012, pp. 32-33).

2.6. Importância do *feedback*

Fernandes (2008) sustém que:

O *feedback* desempenha um papel crucial na aprendizagem porque, através dele, os alunos são simultaneamente lembrados dos níveis de aprendizagem, ou dos *standards*, que é necessário alcançar e ficam cientes dos seus próprios progressos tendo em conta a comparação com os seus próprios desempenhos anteriores ou critérios previamente definidos (p. 61).

“Quando comunicamos com alguém estamos sujeitos a possíveis interferências ou distorções que possam surgir, ou seja, pode acontecer um dos intervenientes no processo de comunicação dizer uma coisa e outra e perceber como sendo algo completamente diferente” (Viera, 2000, p. 17).

Assim, para evitar este tipo de situações, é fundamental a utilização da reformulação. Esta técnica ajuda a rectificar alguns erros na escuta, ao mesmo tempo que reforça o nosso interesse na conversa.

Contudo, não é só através das palavras que comunicamos. As posições corporais, os gestos, a expressão facial, o olhar, a respiração, os silêncios são alguns dos sinais emitidos que enriquecem a comunicação interpessoal. Tanto o *feedback* verbal como o não-verbal são elementos fundamentais em comunicação, que reforçam a comunicação entre diferentes interlocutores.

Além disso, é frequente, na sala de aula, existirem inúmeras interferências, sejam elas provenientes da sala de aula ou do espaço circundante. É, então, fundamental que o professor utilize com alguma regularidade esta técnica de comunicação e que promova nos seus alunos a capacidade para se questionarem a si mesmos, no sentido de saber se perceberam aquilo que lhe foi transmitido.

Para o professor, o *feedback* proveniente dos seus alunos acaba por ser a informação de que necessita para ter a certeza se a comunicação é ou não eficaz. Mais uma vez aqui a importância da comunicação não-verbal. Uma intervenção, um levantar do sombralho, um acenar de cabeça são sinais a que o professor deve estar atento, pois revelam, a clareza ou não do seu discurso.

2.7. Processo de Ensino e Aprendizagem

Pilleti (2004) refere que:

O ensino e a aprendizagem são tão antigos quanto a própria humanidade. Nas tribos primitivas os filhos aprendiam com os pais a atender suas necessidades, a superar dificuldades do clima e a desenvolver-se na arte da caça. No decorrer da história da humanidade, o ensino e aprendizagem foram adquirindo cada vez maior importância. Por isso, com o passar do tempo, muitas pessoas começaram a se dedicar exclusivamente a tarefas relacionadas com o ensino. Também surgiram as escolas que são instituições voltadas para essas tarefas (p. 25).

A tarefa principal do professor é garantir a unidade didáctica entre ensino e aprendizagem, por meio do processo de ensino. O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a actividade própria dos alunos para a aprendizagem. Para compreender correctamente a dinâmica desse processo é necessário analisar separadamente cada um dos seus componentes (Libânio, 2013, p. 86).

Martins, Chirindza e Cuamba (2019) “o processo de ensino-aprendizagem é uma actividade específica que se distingue pelas suas características próprias” (pp. 126-127).

O ensino e aprendizagem são factores demasiado antigos. O autor descreve que antigamente as crianças aprendiam por meio de seus pais, com a evolução humana o ensino e aprendizagem passaram a ganhar um maior destaque na vida das pessoas, assim, foi-se criando instituições próprias de ensino com vista a proporcionar e mediar conhecimentos dinâmica em que tem-se a figura do professor como mediador e o aluno como mediando.

2.7.1. Aprendizagem

Segundo Libânio (2013) “a condição do processo de ensino requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas e internas que o influenciam” (p 87).

Assim, em sentido geral, qualquer actividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. Uma criança pequena aprende a distinguir determinados barulhos, aprende a manipular um brinquedo, aprende a andar. Uma criança maior aprende a contar, a ler, a escrever, a pensar, a trabalhar junto com outras crianças. Jovens e adultos aprendem processos mais complexos de pensamento, aprendem uma profissão, discute problemas e aprendem a fazer opções etc. as pessoas, portanto, estão sempre aprendendo em casa, na rua, no trabalho, na escola, nas múltiplas experiências da vida.

Desta maneira, podemos distinguir a aprendizagem causal e aprendizagem organizada. A *aprendizagem causal* é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interacção entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. Ou seja, pela convivência social, pela observação de objectos e acontecimentos, pelo contacto com os meios de comunicação, leituras, conversas etc., as pessoas vão acumulando experiências, adquirindo conhecimentos, formando atitudes e convicções.

Portanto, a *aprendizagem organizada* é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar especifica do ensino.

Logo, a aprendizagem escolar é, assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de acção física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na actividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social.

Pois, isto significa que podemos aprender *conhecimentos sistematizados* (factos, conceitos, princípios, métodos de conhecimento etc.); *habilidades e hábitos intelectuais e sensorimotores* (observar um facto e extrair conclusões, destacar propriedades e relações das coisas, dominar procedimentos para resolver exercícios, escrever e ler, uso adequado dos sentidos, manipulação de objectos e instrumentos etc.); *atitudes e valores* (por exemplo, perseverança e responsabilidade no estudo, modo científico de resolver problemas humanos, senso crítico frente aos objectos de estudo e à realidade, espírito de camaradagem e solidariedade,

convicções, valores humanos e sociais, interesse pelo conhecimento, modos de convivência social etc.).

2.7.2. O ensino

O processo de ensino abrange a assimilação de conhecimentos, mas inclui outras tarefas. Para assegurar a assimilação activa, o professor deve antecipar os objectivos de ensino, explicar a matéria, puxar dos alunos conhecimentos que já dominam, estimular-los no desejo de conhecer a matéria nova. Deve transformar a matéria em desenvolvimento significativos e compreensíveis, saber detectar o nível da capacidade cognoscitiva dos alunos, saber empregar os métodos mais eficazes para ensinar, não um aluno ideal, mas alunos concretos que ele tem a sua frente (Libânio, 2013, pp. 95-96).

Assim, o ensino, assim, é uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação activa como actividade autónoma e independente do aluno. Em outras palavras, o processo de ensino é uma actividade de mediação pela qual são providas as condições e os meios para os alunos se tornarem sujeitos activos na assimilação de conhecimentos.

2.8. O que é uma estratégia de ensino

De acordo com Roldão (2009) “a estratégia enquanto concepção global de uma acção, organizada com vista a sua eficácia” (p. 57).

Assim, o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem.

Neste sentido entende-se como estratégia de ensino como uma maneira em que o professor organiza os conteúdos com vista a sua eficácia, significa que ele os formula com um nível do qua deseja que os alunos aprendam de uma forma sistemática.

2.9. A estratégia de ensino operacionalizada em actividades e tarefas de gestão

Roldão (2009) considerada que:

Planear acções de ensinar eficazes implica assumir uma postura *estratégica*, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade pretendida, no caso, a aprendizagem de alguma coisa (conceitos, factos, relações, competências, saberes práticos e muitos outros que integram os conteúdos curriculares) por um conjunto diversificado de alunos (pp. 58-59).

Assim, a *estratégia* não é assim assimilável nem a uma *actividade ou tarefa* – embora se desenvolva através delas – nem a uma *técnica* – embora requeira o seu domínio e uso, como adiante se procura clarificar. Um mesmo conjunto de actividades ou tarefas pode ser organizado segundo estratégias diferentes, dependendo da concepção e finalidade que o professor pretende alcançar. Por exemplo, uma sequência de actividade – leitura de um texto, análises em pares, apresentação ao grupo – num tema de História, pode ser orientada para a finalidade de precisar conceitos-chaves ou de elaborar uma sistematização, de confrontar com o conhecimento anterior ou de identificar a divergência de interpretações. Destas opções estratégicas resultara uma abordagem completamente diferente das mesmas tarefas ou actividades.

2.10. A comunicação em sala de aulas

Gil (2007 cit em. Neto & Paula, 2016) pressupõe que:

O professor é o **emissor**, que tem um objectivo: fazer com que os estudantes entendam a matéria. Para tanto, precisa criar uma **mensagem**. Então seu sistema nervoso central ordena seu mecanismo vocal para exprimir o objectivo. Seu mecanismo vocal, que atua como **codificador**, produz a mensagem, que, por sua vez, é transmitida por ondas sonoras pelo ar, para que os alunos a recebam. Estas ondas sonoras constituem o **canal**. Os alunos são os **receptores**. Seus mecanismos auditivos são os **decodificadores**, que decodificam a mensagem em impulsos nervosos e remetem na ao sistema nervoso central, produzindo o entendimento da mensagem. A eficácia da mensagem, por fim, pode ser verificada por meio de **feedback**, que consiste numa mensagem fornecida pelo receptor ao emissor, indicando o entendimento da mensagem. A comunicação é um processo de inter-relação entre as pessoas e sua eficácia tem a ver não apenas com as habilidades da transmissão, mas também com as características da mensagem, com o canal em que esta é vinculada, com a disposição de receptor e com o oferecimento de *feedback* (p. 12).

CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A presente secção denominada metodologia de investigação pode ser descrita como um elemento fulcral na elaboração de uma pesquisa científica. Linguisticamente, a expressão metodologia leva-nos a compreender como um conjunto de técnicas e/ou habilidades que o pesquisador usará para concretizar a sua pesquisa.

Assim, aqui serão descritos os pormenores e as estratégias que serão usadas para realizar o estudo. Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, com objectivo descritivo, e estudo de caso.

3. Metodologia

Barros e Lehfeld (2007) referem que “partindo da definição etimológica do termo, tantos que a palavra ‘metodologia’ vem do grego: *meta*, que significa ‘ao largo’; *odos*, ‘caminho’; *logos*, ‘discurso’, ‘estudo’” (p. 02).

Matias-Pereira (2012) considera que:

A metodologia é a lógica do procedimento científico e têm um carácter normativo, que se diferencia claramente da teoria (substantiva). Mas os instrumentos e procedimentos usados na investigação sociológica devem satisfazer aos critérios metodológicos pressupondo, logicamente uma teoria substantiva. Por isso, na prática da investigação, é muito difícil separar teoria e método. É inegável que uma investigação desprovida de premissas teóricas não é só infrutífera, mas impossível (p. 31).

Com base nesses autores, metodologia é um caminho que serve de directriz para o alcance desejado de um estudo ou exploração de determinada pesquisa, não se fazendo diferente foi com muita acuidade que o método designado correto para esta pesquisa foi tipicamente a abordagem qualitativa.

3.1. Tipo de pesquisa

De acordo com Ruas (2017), ao se referir a pesquisa qualitativa:

O paradigma fenomenológico ou qualitativo é aquele que trata da colecta, análise e processamento de dados e informação qualitativa obtida fundamentalmente através dos métodos de entrevistas, observações, grupos focados e diários. No âmbito deste paradigma, o investigador procura compreender de forma holística o surgimento dos fenómenos e dos problemas, assim com entender as causas que produzem esses fenómenos ou problemas (p. 94).

A investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra no modo como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem. Existem diferentes abordagens que se consideram no âmbito deste tipo de investigação, mas a maioria tem o mesmo objectivo: compreender a realidade social das pessoas, grupos e culturas. Os investigadores usam as abordagens qualitativas para explorar o comportamento, as perspectivas

e as experiências das pessoas que eles estudam. A base da investigação qualitativa reside na abordagem interpretativa da realidade social (Holloway, 1999, cit. em Vilelas, 2009, p. 105).

Segundo Richardson (2008) “A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (p. 90).

No ponto de vista dos autores referidos, a abordagem qualitativa no que compreende a este estudo, compreende o processo de análise fenomenológica, isto é, implica salientar que o estudo, na sua essência se versa na análise dos fenómenos sociais, que pela importância fazem-se imprescindíveis a análises.

3.2. Quanto ao objectivo

Quanto ao objectivo é descritivo, de acordo com Barros e Lehfeld (2007), “nesse tipo de pesquisa, não há a inferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objecto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que o fenómeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenómenos” (p. 84).

Assim, por sua vez, a pesquisa descritiva engloba dois tipos: a ‘pesquisa documental’ e/ou ‘bibliográfica’ e a ‘pesquisa de campo’.

Para Gil (2007), as pesquisas deste tipo têm como objectivo primordial a descrição das características de determinada ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre várias. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de colecta de dados (p. 28).

Assim Sampiere, Collado e Lucio (2006), referem que:

Os estudos descritivos procuram especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que se submeta à análise (Danhke, 1989). Eles medem, avaliam ou colectam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenómeno a ser pesquisado. Do ponto de vista científico, descrever é colectar dados (para os pesquisadores, medir; para os qualitativos, colectar informações). Isto é, em um estudo descritivo selecciona-se uma série de questões e mede-se ou colecta-se informação sobre cada uma delas, para assim (vale a redundancia) descrever o que se pesquisa (p. 101).

Assim, os estudos descritivos caracterizam-se por descrever, narrar, explicar. Desta feita, esse estudo torna-se imprescindível para esta pesquisa, visto que a intencionalidade é demonstrar a frequência com a qual ocorre estes fenómenos descritos no Capítulo II.

3.3. Estudo de Caso

De acordo com Yin (2005, cit. em Gil 2012) o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenómeno actual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência (p. 58).

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa científica que analisa um fenómeno actual em seu contexto real e as variáveis que o influenciam. Trata-se de um estudo intensivo e sistemático sobre uma instituição, comunidade ou indivíduo que permite examinar fenómenos complexos (Vilelas, 2009, p.45).

Como supracitado acima, o estudo de caso é um estudo que caracteriza-se por fazer observações de um grupo e/ou mais pessoas com visa a perceber da real situação.

3.4. Técnicas de Colecta de Dados

A colecta de dados é a fase da pesquisa em que se indaga a realidade e se obtém dados pela aplicação de técnicas. Em pesquisas de campo, é comum o uso de questionários ou entrevistas. A escolha do instrumento de pesquisa, porém dependerá do tipo de informação que se deseja obter do tipo de objecto de estudo (Barros & Lehfeld, 2007, p. 105). Ainda assim, Cervo, Bervian e Da Silva (2007) elucidam que os instrumentos de colecta de dados, de largo uso, são a entrevista, o questionário e o formulário. Na aplicação da entrevista e do formulário, o informante conta com a presença do pesquisador ou seu auxiliar que regista as informações. O questionário sem a presença do investigador, é preenchido pela pessoa que fornece as informações (p. 50).

3.4.1. Entrevista

“Entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (Amado, 2017, p. 209).

A entrevista é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre entrevistado e entrevistador. “O termo entrevista é constituído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao acto de ver. Entre indica a relação de um lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto o termo entrevistado refere-se ao acto de perceber o realizado entre duas pessoas” (Richardson, 1985 cit. em Barros & Lehfeld, 2007).

3.4.1.1. Entrevista semiestruturada

“O entrevistado tem liberdade para resolver cada situação em qualquer direcção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (Marconi e Lakatos, 2015, p. 82).

Gil (2007) referencia que:

A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas directas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo (p. 120).

3.5. Participantes

Para esta pesquisa, privilegiou-se 6 participantes dos quais 3 professores e 3 alunos.

Nas pesquisas qualitativas, as amostras não devem ser pensadas por quantidade e nem precisam ser sistemáticas. Mas a sua construção precisa envolver uma série de decisões não sobre quantos indivíduos serão ouvidos, mas sobre a abrangência dos actores sociais, da selecção dos participantes e das condições dessa selecção Minayo, 2017, cit. em Samuel 2019, p. 79).

3.6. Técnicas de Análise de Dados

Para Strauss e Corbin (1998):

A análise começa com a primeira entrevista e observação, que conduz à próxima entrevista ou observação, seguida por mais análise, mais entrevistas ou trabalho de campo, e assim por diante. É a análise que conduz a colecta de dados. Por conseguinte há uma interacção constante entre o pesquisador e o acto de pesquisa (p. 53).

Sustenta Amado (2013) que, “a questão da análise de dados é central na investigação. Não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los (não sendo possível fazer uma coisa sem a outra)” (p. 301).

3.7. Técnicas de Análise do Conteúdo

Conforme Minayo (1994, cit. em Vilelas, 2009), sustenta que:

É o método mais comumente adoptado no tratamento de dados das investigações qualitativas. Antes de apresentar as etapas por meio das quais se desenvolve a análise de conteúdo, torna-se necessário apresentar uma definição, bem como elaborar uma breve referência do modo como ela surgiu (p. 333).

A análise de conteúdo é uma metodologia de investigação que se enquadra no âmbito do paradigma fenomenológico, e que tem como objectivo investigar o conteúdo das mensagens difundidas através dos meios de comunicação como textos, discursos, anúncios publicitários,

bandas sonoras, jornais, filmes, programas televisivos, emissões de rádio etc., para proceder à análise e entender o alcance e o impacto que o conteúdo dessas mensagens pretende produzir (Ruas, 2017, p. 124).

Segundo Krippendorff (1990, cit. em Sampieri, Collado & Lucio 2006) “técnica de pesquisa para fazer inferências validas e confiáveis de dados com relação ao seu contexto” (p. 343).

3.8. Descrição do Local de Estudo

A pesquisa terá observação na Escola Secundária de Nampula, na cidade de Nampula.

3.9. Considerações Éticas

A presente pesquisa de natureza académica compreende a elaboração de um trabalho de conclusão do curso, no qual é ministrado pela Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação localizada na cidade de Nampula, na Av. 25 de Setembro, 512.

Esta é meramente uma condição imprescindível para o término dos estudos, isto é, através dela não se pretende angariar fundos e muito menos fazer pesquisas que suscitem problemas no seio da comunidade académica de Moçambique, todavia, é uma contribuição que visa mostrar a realidade e a importância da Aplicação do *Feedback* no Processo de Ensino e Aprendizagem e qual a relevância desta temática para o êxito educacional.

3.10. Limitações do Estudo

Ao longo da realização desta pesquisa, constatou-se dificuldades no que fustiga a informações devido ao conhecimento limitado da temática em alusão, a mistificação que alguns entrevistados têm sobre informações, sejam estas de carácter confidencial, pessoal e/ou profissional. É necessário aludir ao facto de que a insuficiência de manuais constituiu também uma barreira para a perfeição da pesquisa, porque esta temática denota pouca investigação no sector educacional relativamente ao sector de comunicação.

CAPITULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A presente secção tem como objectivo apresentar analisar, discutir e interpretar os dados. Os dados que aqui contem, foram atingidos por via de entrevista como descrito anteriormente no Capitulo III. Os dados estão agrupados em 3 categorias que partem dos objectivos específicos da pesquisa, assim tem-se as seguintes categorias: Tipos de *feedback*, Pertinência em fornecer o *feedback* e Condições para fornecerem o *feedback*.

4.1. Categoria: Tipos de *feedback*

Na presente categoria serão apresentados os dados em torno do Tipos de *feedback*, isto é, aqui procura-se definir e mencionar os Tipos de *feedback* que os nossos entrevistados conhecem.

4.1.1. Subcategoria: Conceito de *feedback*

Nesta subcategoria procurou-se junto dos entrevistados conhecer o entendimento que tem sobre o *feedback*, no qual em depoimento referiram o seguinte:

Para o entrevistado P₁ indicou que *“é mais ou menos aquela expectativa que um docente espera perante o seu processo de ensino, posso dizer é uma das expectativas que qualquer um espera perante esse processo de ensino e aprendizagem”*.

Segundo o entrevistado P₂ sustenta que *“é aquela reciprocidade de comunicação onde há um emissor, há um receptor e vice-versa, o receptor pode virar ser emissor”*.

Já para o entrevistado P₃ *“é uma expressão inglesa que está na relação de retorno, no processo de ensino e aprendizagem, então o professor na sala de aulas espera que aquilo que vai mediar como conhecimento o aluno mostre reacção que confirme que percebeu a aula e isso será o feedback podendo ser negativo ou positivo”*.

Ao passo que A₁ ressalta que *“é um procedimento de correcção que o professor faz aos seus alunos, e vice-versa”*.

Porém o aluno A₂ salienta que *“é o processo de ensino e aprendizagem cujo principal objectivo é de relembrar os conteúdos já estudados antes”*.

Enquanto que o A₃ diz que *“é um método usado para ajudar o aluno a melhorar suas capacidades, muitas vezes é usado pelos professores”*.

Para os professores, o *feedback* é uma expectativa que se tem do processo de ensino, uma reciprocidade, uma terminologia inglesa usada no sentido de retorno no PEA.

Enquanto que, os alunos aludem ao *feedback* como um método correctivo com vista a relembrar os alunos sobre conteúdos passados, muitas vezes aplicado pelo professor.

É a partir das respostas obtidas dos nossos entrevistados que pode-se estabelecer uma relação com as definições feitas por Consoni (2010) e Vrasidas & McIsaac (1999 cit. em Daros & Prado, 2015) que consideram que o *feedback* constitui-se de um grupo heterogéneo de respostas que são formuladas sobre as diversas actividades desempenhadas em sala de aulas e actividades realizadas sobre as tarefas extra-classe.

4.1.2. Subcategoria: Tipos de *feedback*

Nesta subcategoria, com o auxílio dos entrevistados pretendeu-se entender que tipo de *feedback* os alunos tem recebido em prol do PEA, ao passo que nela foram conduzidas 2 questões de investigação: que tipo de *feedback* tem fornecido? que tipo de *feedback* tem recebido? Aliado a estas questões os entrevistados dizem o seguinte:

Conforme o entrevistado P1 concede o *feedback* “*nas avaliações escritas é a partir daí que nós temos que ter pelo menos aquilo que o aluno é, ou posso dizer daquilo que a própria turma em geral é*”.

Segundo o entrevistado P2 elucida que “*vai para uma interacção, um diálogo interactivo, se nós fossemos para os métodos de ensino diríamos que valorizo mais a interacção activa (elaboração conjunta) onde todos nós podemos questionar, todos nós podemos responder, todos nós podemos explicar factores e eu penso que este meio é que garante um sucesso naquele que seria resultado do PEA*”.

De acordo o entrevistado P3 esclarece que “*há muitos tipos de feedback que pode esperar dar, estaremos a falar por exemplo da frase, dos constituintes de fundamentação e eu falo ali de sujeito, predicado, complemento, simulo uma frase e se o aluno estiver na capacidade de produzir uma frase que combina aqueles constituintes todos, uma frase da sua autoria, então eu sinto que o que eu medie chegou, então é um feedback positivo*”.

Já o entrevistado A₁ declara que “*o feedback que recebe dos seus professores, normalmente tem sido o feedback avaliativo, isto é, o professor faz algumas questões para apenas avaliar até que ponto o aluno consegue usar o seu raciocínio*”.

Desta maneira, o entrevistado A₂ explica que “*tem recebido o feedback dos meus professores como: TPC e avaliação diagnóstico*”.

Por fim o entrevistado A₃ salienta que “*dos meus professores eu recebo o feedback em forma de teste, exercícios, trabalhos, TPC e perguntas aleatórias*”.

Conforme foi-se obtendo as respostas dos nossos entrevistados, os professores afirmaram fornecer o *feedback* nas avaliações escritas e nos diálogos. Pois, os professores acreditam que o uso de métodos activos pode girar uma reciprocidade entre o professor e o aluno.

No entanto, os alunos fundamentam que tem recebido *feedback* avaliativo dos professores, isto é, a partir das actividades dentro e fora da sala de aulas.

Assim, foi possível constatar que os nossos entrevistados usam os Tipos de *feedback* apresentados por Lopes e Silva (2015), porque estes autores afirmam que os professores têm usados as duas formas de *feedback* da seguinte maneira, isto é, usa-se o *feedback* formativo para ultrapassar as dificuldades que o aluno apresenta e o *feedback* avaliativo para propor uma avaliação daquilo que o aluno é.

4.2. Categoria: Pertinência em fornecer o *feedback*

A pertinência em fornecer o *feedback*, ou seja, a conveniência em fornecer o *feedback* constitui a segunda categoria deste capítulo, aqui, pretende-se esclarecer qual a função de fornecer o *feedback*, a relação do *feedback* e o processo de ensino e aprendizagem. Para tal, vamos iniciar esta categoria com a seguinte questão: Para que serve o *feedback* no PEA?

4.2.1. Subcategoria: Para que serve o *feedback* no PEA

Aqui, foi-se procurando saber para que serve o *feedback* no PEA, isto é, conhecer o enquadramento do *feedback* no processo de ensino e aprendizagem, ao passo que os nossos entrevistados reiteraram o seguinte:

O entrevistado P₁ o *feedback* “*nesse processo de ensino e aprendizagem serve como meio de avaliação, posso dizer auto-avaliação assim como do próprio estudante*”.

Assim o entrevistado P₂ sustenta que “*aparece como uma ferramenta, uma estratégia que vai catapultar as capacidades cognitivas do educando, neste caso, porque o objectivo apesar do processo de ensino e aprendizagem todos aprendem, mas ali nós temos o estudante como peça-chave da construção do conhecimento*”.

Já o entrevistado P₃ salienta que *“é necessário em todo o processo, principalmente no PEA porque será a partir desta resposta que nós professores teremos que nos controlar se o conhecimento programado chegou, como chegou, se não chegou o que se pode fazer, quando fazer, então é necessário o feedback nesse processo”*.

Ao passo que o entrevistado A₁ afirma o seguinte *“No PEA, o feedback serve para auxiliar o domínio dos conteúdos aos alunos, em suma é formativo”*.

Portanto o entrevistado A₂ declara que *“serve como um instrumento que ajuda o professor a recapitular e estimular os conhecimentos*.

Neste caso o entrevistado A₃ argumenta *“no PEA serve para ajudar o aluno em termos de conhecimentos transmitidos pelo professor, ajuda na planificação da aula de como ensinar e o que é o processo para tal o feedback, tem como principal fonte ajudar todos que fazem parte do PEA e uma forma moderada”*.

Segundo os professores o *feedback* serve como um método avaliativo, regulativo e de controlo.

Porém, os alunos afirmam que o *feedback* serve para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes momentos.

Constatou-se nas respostas dos entrevistados uma relação com a citação de autores como Fernandes (2008), Lopes e Silva (2012), que explicam que o *feedback* serve como um recurso que é usado em sala de aulas como retorno de informações que ajudam a identificar os *standards*, para isso estes autores elucidam o *feedback* como um processo de auto-regulação, correcção e avaliação.

4.2.2. Subcategoria: Pertinência do *feedback* no PEA

Para esta subcategoria foi proposta a seguinte questão: qual é a pertinência em fornecer o *feedback*? Em relação a isto, os entrevistados foram respondendo:

Conforme o entrevistado P₁ *“a pertinência é tanto isso de ver o nível de aprendizado, ou nível do domínio da matéria”*.

De tal modo o entrevistado P₂ diz *“é uma ferramenta para trazer habilidades aquela capacidade de interacção, capacidade de fazer se explicar, capacidade de fazer chegar a ideia no estudante”*.

Como descreve o entrevistado P₃ *“a importância vejo mesmo esse lado de controlar ou facilitar o professor na execução das suas actividades dentro do Processo de Ensino e Aprendizagem, então não dá adiantar tipo cumprir o programa enquanto conhecimento não fique no aluno”*.

Ao passo que o entrevistado A₁ salienta que *“tem a pertinência de corrigir ou erigir aquilo que o aluno não conseguiu ou teve a dificuldade de dominar, formular, desenvolver”*.

Já o entrevistado diz A₂ *“o feedback desempenha um papel fundamental porque ele faz com que o aluno retorne a assimilar a matéria dada anterior”*.

Conforme o entrevistado A₃ julga que *“é como um instrumento ou método usado para qualificar os alunos de modo a obter bom aproveitamento pedagógico de ambos os lados”*.

Os professores acreditam que o *feedback* tem a pertinência de controlar, avaliar o nível de domínio que os alunos têm sobre alguma matéria.

Já, os alunos sustentam que o *feedback* tem a pertinência de corrigir, retornar a matéria mediada com vista a ultrapassar possíveis dificuldades.

Assim, as respostas que nos são apresentadas corroboram com o que é defendido com Fernandes (2008) e Lopes e Silva (2015). Para estes autores, o *feedback* desempenha um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem porque é a partir do *feedback* que o professor e os alunos são sistematicamente informados dos seus níveis de concepção.

4.2.3. Subcategoria: A relação entre o *feedback* e o aproveitamento pedagógico

Na presente subcategoria, procurou-se conhecer sobre o entendimento em volta da relação do *feedback* e o aproveitamento pedagógico, ao passo que foi-se registando as seguintes respostas:

Para o entrevistado P₁ entende que *“uma depende da outra, porque dificilmente pode existir um aproveitamento pedagógico positivo em alguns alunos em que o feedback, a correspondência é muito fraca, não que os alunos baseiam-se nos outros colegas, mas uma avaliação rigorosa do próprio professor pode descobrir que afinal de contas esse aproveitamento pedagógico nesse processo de ensino e aprendizagem também corresponde daquilo que foi o resultado da sua actividade”*.

Já o entrevistado P₂ salienta que *“se nós formos a ver em termos de conhecimento cognitivo, não só conhecimento cognitivo o desenvolvimento das capacidades da oralidade, capacidade do desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento da linguagem concorda também com o*

crescimento das capacidades e quanto mais palavras o individuo tem, o seu desenvolvimento intelectual é proporcional”.

Além disso o entrevistado P₃ diz que *“dentro do processo tem a parte inicial, média e final, então, é preciso que a cada passo que for sendo dado monitorar, controlar, ver como é que aquele processo está sendo gerido, nisto é preciso o professor fazer-se presente com muita estratégia, verificar se o conhecimento está a chegar para o aluno, porque o contrário você ai andar, adiantar ou usar a velocidade sem que o essencial que é a transmissão de conhecimento chegue no aluno”.*

O entrevistado A₁ considera que *“é de que ambos têm uma relação de avaliação, visto que o feedback avalia o domínio ou assimilação do conteúdo no aluno durante a aula enquanto que o aproveitamento pedagógico faz uma avaliação final”.*

Segundo o entrevistado A₂ reitera que *“é o facto de o feedback estimular os conhecimentos de uma forma eficaz e consequentemente o aluno ou professor assimilar mais o conhecimento em causa”.*

Ainda assim o entrevistado A₃ sustenta que *“através do feedback os alunos podem obter boas notas, de um modo geral feedback também é uma forma ou estratégia mais usada pelo professor que ajuda no aproveitamento pedagógico. A qualificar o aluno e transmitir conhecimentos”.*

Para os professores, estabelece-se uma dependência entre o *feedback* e o aproveitamento pedagógico, isto é, o PEA é organizado de forma faseada onde é necessário controlar, monitorar e verificar.

Os alunos aludem ao *feedback* e o aproveitamento pedagógico com uma relação avaliativa sumativa, isto é, o *feedback* estimula e o aproveitamento pedagógico faz uma avaliação final.

Na base das repostas dos nossos entrevistados, constatou-se uma ligeira divergência com a literatura, porque em Fernandes (2008), o autor sustenta que o *feedback* é indispensável para que a avaliação assuma a sua natureza formativa. Este autor considera o facto de que através do *feedback* dinâmico o aluno vai fazendo uma auto-regulação durante as suas aprendizagens e não no final.

4.2.4. Subcategoria: O *feedback* como estratégia pedagógica

Para esta subcategoria objectivo é perceber como o *feedback* pode ser uma estratégia pedagógica, pelo que em depoimento:

O entrevistado P₁ diz *“trabalho em grupo, TPC, pode não corresponder com a realidade do estudante. Seria mais viável se depois do trabalho ser feito em casa o aluno voltasse a apresentar em sala de aulas, não somente nas ciências exactas, mas também naquelas outras áreas práticas no caso de empreendedorismo, culinária em vez de o aluno trazer o produto feito, poderia fazer algumas demonstrações no recinto escolar, assim o professor diria que esse estudante fez e compreendeu, dentro da sala, através da contribuição voluntária do estudante ou através da parte do próprio professor”*.

Segundo o entrevistado P₂ considera que *“quando o professor aplicá-la nos devidos momentos, no momento que esta exactamente a transmitir o conhecimento, criar condições de feedback”*.

Já o entrevistado P₃ salienta o seguinte *“acredito que nem todos os profissionais de educação usam a estratégia de feedback e para que isto aconteça implica que todos conheçamos qual é a vantagem é qual é a desvantagem do feedback, o que é que isso oferece para o processo de ensino”*.

De acordo com o entrevistado A₁ destaca que *“a partir do momento em que o professor faz uma pequena questão aos alunos, ou ainda, faz um questionário de exercícios para que os alunos possam resolver ou responder”*.

Segundo o entrevistado A₂ acredita que *“em termos de avaliação, isto é, o professor fazendo perguntas da matéria anterior e o aluno responde com base na questão”*.

O aluno A₃ elucida o seguinte *“porque com esse método passam a ser mais fácil o carácter avaliativo de um modo que o professor pode qualificar os alunos não só pelas notas, mas sim pela prontidão que se fazem na sala de aulas ao responder qualquer questionário”*.

De acordo com os professores, o *feedback* pode tornar-se uma estratégia pedagógica depois de criar condições para usa-la e procurar conhecer as suas vantagens e desvantagens.

Os alunos consideram que o *feedback* pode ser uma estratégia pedagógica em termos avaliativos.

Desta forma, os nossos entrevistados evidenciaram a necessidade de se ter um conhecimento em volta do *feedback*, no entanto, Lopes (2021) sustenta que a emissão de qualquer mensagem tem em vista produzir um efeito no seu receptor, para tal ressalta a elevada importância do *feedback* no processo de ensino e aprendizagem enfatizando que o *feedback* possui um poder inegável sobre a realização e a eficácia dos resultados de aprendizagem, daí que o tempo de

resposta e a qualidade do *feedback* constituem aspectos motivacionais neste retorno no processo de ensino e aprendizagem com um enfoque na motivação dos alunos.

4.3. Categoria: Condições para fornecer o *feedback*

Para esta categoria, pretende-se perceber quais são as condições para fornecer o *feedback* no PEA. Assim, procuramos saber, quais são as condições que fornece o *feedback*? Como o professor fornece o *feedback*? Como tem sido dado *feedback* no PEA?

4.3.1. Subcategoria: Condições que fornece o *feedback*

Esta subcategoria procura explicar em que condições o professor fornece o *feedback*, ou seja, como condiciona essa técnica em volta das suas actividades.

Segundo o entrevistado P₁ em sua reflexão diz “o PEA é completamente mútuo e muita das vez no momento em que o aluno traz algumas informações depois de tudo o professor é responsável em analisar, avaliar e se for possível dar síntese, ou seja corrigir aquilo que não é de acordo com a expectativa com aquilo que deveria ser o contributo, acrescentar aquilo que está em falta na parte do aluno”.

De acordo com o entrevistado P₂ afirma “primeiro tem que ter métodos de ensino, é preciso primeiro privilegiar o método de elaboração conjunta onde você põe em causa as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem e cada parte tem que aparecer para se explicar, cada parte é obrigada a discernir e explicar aquilo que está a pensar, então é exactamente estabelecendo esse dialogo que o *feedback* marca a sua presença”.

Para o entrevistado P₃ entende que “o *feedback* pode aparecer a qualquer momento da aula, no princípio, no meio, no final, na passagem de um conteúdo para o outro, pode aparecer aqui o *feedback*”.

Já o entrevistado A₁ em sua palavra diz “são muitas condições que meus professores criam, alguns falam, outros escrevem nos meus trabalhos”.

Conforme o entrevistado A₂ diz que “recebo o *feedback* na sala de aulas, na internet, em casa, na biblioteca”.

Desta maneira o entrevistado A₃ considera que recebe o *feedback* “de boa forma na sala de aulas, ou melhor no decorrer das aulas, de uma forma ou outra forma decorre, acontece esse fornecimento de uma forma desapercebida”.

Os professores reiteram que o *feedback* pode aparecer a qualquer momento da aula, que deve-se privilegiar métodos que permitam o dialogo e daí se vai corrigir e avaliar o que não esta devidamente.

Os alunos evidenciam receber o *feedback* em situações diferentes na sala de aulas.

Relativamente ao posicionamento dos entrevistados sobre as condições que fornecem o *feedback*, apresentam condições contraditórias com o que foi previamente descritos por Lopes e Silva (2015), de acordo com estes autores o *feedback* não é uma técnica infalível, eles elucidam a necessidade de acompanhar progressivamente a medida em que vai se decorrendo o processo de ensino e aprendizagem, é necessário que o professor tire um tempo para conversar com os seus alunos afim de saber como estão andando, proporcionar oportunidades de recuperação e realizar secções de *feedback* em grupo, saliente-se que as sessões de *feedback* em grupo podem ser tomadas as necessidades de um aluno como a necessidade da maioria.

4.3.2. Subcategoria: Como o professor fornece o *feedback*

A presente subcategoria versa-se em explicar como o professor tem fornecido o *feedback*.

Segundo o entrevistado P₁ diz que *“tratando-se de trabalhos de casa, testes escritos depois da leitura e correcção sinto-me obrigado como professor escrever como deveria ser ou mesmo rectificar algumas expressões que não são coerentes ou não vão de acordo com a expectativa e é como se for um trabalho feito pelos alunos e apresentados em sala de aulas em casa apresentação, sinto-me obrigado a dar a minha opinião”*.

O entrevistado P₂ afirma que *“é no uso dos métodos de ensino, há métodos de ensino que favorecer a reprodução e a sistematização, há métodos que não favorecem não abrem o *feedback*, então é preciso buscar o método de ensino que se concentram no diálogo”*.

Já o entrevistado P₃ sustenta que *“oralmente, por escrito. Se estiver na sala de aula, no contexto da sala de aula. Se for numa prova, faço uma anotação daquilo que ele fez erradamente do que devia fazer”*.

Portanto o entrevistado A₁ diz que *“recebe o *feedback* escrito, oral”*.

No entanto o entrevistado A₂ salienta que *“tem recebido o *feedback* e, forma de pergunta, revisão ou fazendo leitura”*.

Assim o entrevistado A₃ ressalta que *“o feedback recebe na sala de aulas através das perguntas feitas pelo professor, exercícios ou textos que podem ser dados como trabalho individual ou em grupo”*

De acordo com os professores, eles fornecem o feedback de maneira oral e escrita.

Os alunos também, sustentam que recebem dos professores *feedback* oral e escrito.

As respostas dos entrevistados estão em concordância com a opinião de Lopes e Silva (2012) e Lopes e Silva (2015), ao afirmam que o *feedback* eficaz é através do dialogo, das recomendações que o professor vai fazendo, e com isto eles afirmam que o método melhor se firma naquilo que se tem em mente rectificar daí que o professor pode pautar pelo *feedback* escrito em relação a avaliação daquilo que o aluno propõe ou o *feedback* oral.

4.3.3. Subcategoria: A forma de fornecer o *feedback*

De acordo com a presente categoria, aqui vamos ver quais são os mecanismos que as escolas têm o usado para fornecer o *feedback* no PEA.

De acordo com o entrevistado P₁ *“tem sido um pouco complicado, primeiro devido a natureza das nossas turmas que não é tão fácil encarar cada situação, isso constitui um problema muito sério por isso que muitos dos nossos colegas, o maior número dos professores só observa a característica física do trabalho e não o conteúdo”*.

Assim o entrevistado P₂ diz que *“depende da estratégia, depende da capacitação da formação do professor. Nós temos vários níveis de formação, vários institutos de formação, mas se formos na linha actual dos métodos actuais de aprendizagem o feedback aparece como uma das tarefas privilegiadas para o momento em que nos centrarmos na aprendizagem centrada no estudante”*.

Segundo o entrevistado P₃ diz que *“naquele diálogo que o aluno pode passar uma informação que oferece reacção face a uma dúvida do aluno que já continua isso um reparo daquilo que o aluno fez que não devia ser feito, já é esta retroacção ou é o material escrito”*.

Conforme o entrevistado A₁ afirma que *“depende dos professores, alguns escrevem nos trabalhos, outros escrevem no quadro quando a maioria tem dúvida”*.

Já o entrevistado A₂ considera que *“o feedback tem sido algo muito retroactivo que facilita a minha percepção e adquirindo conhecimento de forma definitiva”*.

Porem o entrevistado A₃ narra o seguinte “*os professores dão feedback em plena aula e na sala de aulas*”.

Segundo os professores, eles optam pelos métodos que garantam interactivos, e daí o *feedback* tem sido dado de forma oral e escrita.

Já os alunos, tem recebido o *feedback* no PEA de maneira oral e escrita em plena sala de aulas.

Assim, as respostas obtidas dos nossos entrevistados, constatou-se que no PEA o *feedback* tem sido dado de maneira oral e escrita em exercício de sala de aulas conforme sustenta Lopes e Silva (2012) e Consoni (2010) e Vrasidas & McIsaac (1999 cit. em Daros & Prado, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em forma de conclusão da presente monografia com o tema Aplicação do *feedback* como estratégia mediadora no Processo de ensino e aprendizagem, percebeu-se que o termo *feedback* é uma expressão oriunda da língua inglesa composta por duas radicais entre elas a palavra *feed* e *back* em que literalmente a expressão *feed* significa alimentar e a palavra *back* tem o sentido de voltar, obtendo-se o retorno, assim no processo de ensino e aprendizagem refere-se ao retorno de uma matéria mediada pelo professor para o aluno ou vice-versa.

No processo de ensino e aprendizagem, o *feedback* destaca um papel importante, é através do *feedback* que os professores são auxiliados e passam a conhecer os *standards* dos seus alunos, o *feedback* é uma estratégia que pode aparecer durante qualquer momento da aula de forma aleatória. Para que se forneça o *feedback* é necessário que o professor concentre-se no alcance dos objectivos programados, ou seja, o *feedback* como estratégia pedagógica deve-se concentra no conteúdo e não no aluno. O *feedback* é uma técnica que pode ser fornecida de diferentes formas, não precisa de ser de uma maneira sistemática, o *feedback* pode ser fornecido nas formas orais, escritas e nos diálogos.

Assim, é a partir da oralidade que nos comunicamos com o outro, no processo de ensino e aprendizagem o *feedback* ganha espaço na comunicação entre duas pessoas no contexto de sala de aula, actividades extracurriculares etc. Todavia, das duas pessoas que destacam-se nesta comunicação encontra a figura do professor como emissor e a figura do aluno como receptor e/ou vice-versa, porque esta realidade tem de a mudar de acordo com o objectivo de uma destas partes, quer seja do professor, quer seja do aluno, porque o professor pode também retornar uma informação ao seu aluno.

Ademais, existem condições diferentes no que concerne a forma e a distribuição do *feedback*, onde o professor deve criar cenários diferentes para atender os seus alunos, quer dizer, o professor deve ser um estratega e saber identificar em que condições fornecer, quando fornecer e como fornecer o *feedback*. Quando o professor dispõe-se a fornecer o *feedback* é necessário que traga uma abordagem que focalize no conteúdo a melhorar e que evite linguagem pejorativa, pois o *feedback* deve ser concentrado no conteúdo e não no aluno.

Existem maneiras diferentes de dar *feedback*, entretanto o *feedback* pode ser dado de maneira oral e escrita, na forma escrita o *feedback* pode ser apresentado em trabalhos, testes escritos e avaliações de caderno.

Durante as entrevistas, os nossos entrevistados mostraram o conhecimento que tem em volta do *feedback*, ao passo que foram capazes de responder a todas as questões. Os nossos entrevistados, relataram a sua percepção acerca do *feedback* e a sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem de acordo os conceitos dos autores usados neste trabalho, porem, houve ligeira diferença em alguns pontos.

Assim, os resultados da pesquisa evidenciaram-se meramente como positivos, porque a aplicação do *feedback* como estratégia mediadora no processo de ensino e aprendizagem é algo que ambas as partes envolvidas no processo de ensino tem conhecimento.

Desta maneira, percebeu-se que o *feedback* nas escolas, é aplicado de uma forma aleatória e não como uma estratégia pedagógica. O conhecimento existente acerca desta temática apresenta certas limitações, em que o *feedback* é aplicado como técnica de diálogo, controlo e não como uma estratégia pedagógica.

Nesta pesquisa, levantou-se a problemática fundamentando-se na importância da temática, outrora esta realidade foi concebida no sentido de catapultar o ensino e aprendizagem, porem nos dias actuais aplica-se com ligeira negligência, e foi desta maneira que se colocou a questão de partida: de que forma, o *feedback* é aplicado como estratégia mediadora no Processo de Ensino e Aprendizagem?

Foi possível responder a esta questão através dos objectivos (geral e específicos) propostos na Introdução. E assim, teve-se a resposta. A aplicação do *feedback* como estratégia mediadora no processo de ensino e aprendizagem pode ser aplicada como uma ferramenta para controlar, verificar e orientar a mediação realizada pelo professor. O *feedback* serve para controlar até que ponto está sendo consumado, ou seja, serve para verificar o nível e corrigir o aproveitamento estabelecendo uma igualdade em ambas as partes no processo de ensino e aprendizagem.

Recomendações

Conforme os resultados obtidos na pesquisa e os dados definidos na revisão de literatura, recomenda-se o uso e aplicação do *feedback* como estratégia pedagógica da seguinte maneira:

- A consciencialização sobre a inerente importância do *feedback* no Processo de Ensino e Aprendizagem;
- O desenvolvimento do conhecimento sobre o *feedback* como estratégia pedagógica;
- A estimulação aos professores a usarem o *feedback* para verificar o nível de cumprimento dos conteúdos e o nível de assimilação dos alunos;

- A utilização de *feedback* como técnica formativa e não avaliativa;
- A sistematização da aplicação do *feedback* durante as actividades lectivas;
- A demonstração dos tipos de *feedback* em função do que se pretende rectificar;
- O atendimento particular para alunos com necessidades maiores de *feedback* e reformas curriculares para casos de apoio a mais de um estudante com as mesmas necessidades;
- Finalmente, recomenda-se mais pesquisas acerca desta problemática.

Com esta problemática, espera-se que se estude mais acerca do *feedback* nas áreas da educação, com destaque a relação entre aluno e professor e procurando dimensionar a sua comunicação proporcionando melhor qualidade para o ensino e aprendizagem.

Referências bibliográficas

- Alves, M. (2010). *Estudo do feedback pedagógico em instrutores de Localizada*. Rio Maior, Portugal: Escola Superior de Desporto. Recuperado em <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/981/1/Tese%20Mestrado%20-%20Maura%20Alves.pdf>
- Amado, J. (coord.) (2013). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3ª. ed.). Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Azevedo, C. M. & Azevedo, A. G. (2008). *Metodologia científica: contributos práticos para elaboração de trabalhos académicos* (9ª. ed.). Lisboa, Portugal: Universidade Católica Editora, Unipessoal, Lda.
- Barros, A. J. S. & Lehfeld, N. A. S. (2007). *Fundamentos de metodologia científica* (3ª. ed.). São Paulo, Brasil: Pearson Prentice Hall.
- Carvalho, C. C. & Filipe, J. C. (2014). *Manual de estratégias – conceitos, Prática e Roteiro* (4ª. ed.). Lisboa, Portugal: Edições Silabo.
- Cervo, A. L. Bervian, A. & Da Silva. (2007). *Metodologia científica* (6ª. ed.). São Paulo, Brasil: Pearson Prentice Hall.
- Consoni, Bianca. (2010). *A Importância do Feedback*. São Paulo, Brasil: Bianca Consoni. Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA. Recuperado em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711260709.pdf>
- Daros, F A. G. & Prado, M. R. M. (2015). *Feedback do Processo de Avaliação da Aprendizagem No Ensino Superior*. Recuperado Em: https://educere.bruc.com.br/Arquivo/Pdf2015/17456_9283.Pdf
- Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa. (2001). Porto, Portugal: Porto Editora, Lda.
- Gil, A. C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª. ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas.
- Gil, A. C. (2012). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª. Ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas.
- Libânio, J. C. (2013). *Didáctica* (2.ª ed.). São Paulo, Brasil: Cortez Editora.

- Lopes, J. & Silva, H. S. (2012). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Lisboa, Portugal: Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Lopes, J. & Silva, H. S. (2015). *20 Respostas sobre Planificação do Ensino-Aprendizagem, Estratégias de Ensino e Avaliação*. Lisboa; Portugal: Pactor.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2015). *Técnica de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostras e técnicas de pesquisa, elaboração, análise de dados* (7ª. ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas S. A.
- Martins, V. Chirindza, D. & Cuamba, H. (2019). *Manual de Psicopedagogia – Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos*. Maputo, Moçambique: Associação Progreso. Recuperado em http://ead.mined.gov.mz/manuais/Psicopedagogia/files/impressao/manual_psicopedagogia.pdf
- Matias-Pereira, J. (2012). *Manual de metodologia de pesquisa científica* (3ª. ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas S. A.
- Neto, O. F. P & Paula, I. L. R. (2016). *A Comunicação na transmissão do conhecimento: interação professor e aluno no processo de aprendizagem no ensino superior*. Anápolis, Brasil: Faculdade Católica de Anápolis. Recuperado em: https://www.catolicadeanapolis.edu.br/biblioteca/wp-content/uploads/2018/03/A_COMUNICA%C3%87%C3%83O-NA-TRANSMISS%C3%83O-DO_CONHECIMENTO-INTERA%C3%87%C3%83O-PROFESSOR-E-ALUNO-NO_PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM-NO-ENSINO-SUPERIOR.pdf
- Pilleti, C. (2004). *Didáctica Geral*. São Paulo, Brasil: Editora Atlas.
- Reis, R. L. & Reis, H. P. (2008). *Gestão Estratégica – Aplicada a Instituições de Ensino Superior*. Lisboa, Portugal: Escolar Editora.
- Richardson, r. J. (2008). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (3ª. ed.). São Paulo, Brasil: Editora Atlas S.A
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. Vila nova de gaia, Portugal: Fundação Manuel Leão.

- Ruas, J. (2017). *Manual de Metodologia de Investigação Como Fazer Propostas de Investigação, Monografias, Dissertações e Teses*. Maputo, Moçambique: Escolar Editora.
- Sampieri, R. H., Collado, C. & Lúcio, P. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3ª. ed.). São Paulo, Brasil: McGraw-Hill.
- Samuel, L. M. (2019). *A percepção dos gestores escolares sobre o desempenho profissional dos professores formados numa instituição de ensino à distância*. Beira, Moçambique: Universidade Católica de Moçambique – Faculdade de Educação e Comunicação.
- Santos, H. & Filho, A. (2011). *Estudo de caso: planeamento e métodos* (2ª. ed.). Porto Alegre, Brasil: Bookman.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Pesquisa qualitativa* (2ª. ed.). São Paulo, Brasil: Artmed Editora S.A.
- Vielas, J. (2009). *Investigação – O Processo de Construção de Conhecimento*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.

Credencial dirigido a Escola a pedido de autorização para recolha de dados



*Deboais 0
20/09/2022
cc*

Universidade Católica de Moçambique
Faculdade de Educação e Comunicação
Av. 25 de Setembro, 512
C.P. 681, 70100 - Nampula - Moçambique
Tel: (+258) 26 21 6521 Fax: (+258) 26 21 6550 Cel: (+258) 84 38 95 898
E-mail: fec@ucm.ac.mz

Nampula, 12 de 07 de 2022

Senhor: *Escola Secundária de Nampula*

Ref. N° *1649 - 21* UCM/FEC/GD

Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados

*Coordine junto do
DAE 10/20 CD.
30/09/22*

No âmbito de uma formação integrada e de ligação entre a Universidade e mercado de trabalho, os programas de formação da Universidade Católica de Moçambique culminam com trabalhos de fim de curso. Para o efeito, contamos com a generosa contribuição de Instituições públicas e privadas.

Neste sentido, dirigimo-nos à V. Excia para pedir que, dentro da vossa possibilidade, conceda ao/à estudante *Penafie* **Anexo** *Brinima Abuchama*,

do *4º* ano do curso de licenciatura/ramento em

Psicopedagogia

uma oportunidade para recolher dados relacionados ao tema “*Aplicação do Feedback como estratégia mediadora no processo de Ensino e Aprendizagem*” na Instituição que

V. Excia é digno responsável.

Os dados a serem recolhidos destinam-se, exclusivamente, para fins académicos.

Subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

O Director da Faculdade
Felipe André Argst
Professor Doutor Felipe André Argst

Universidade Católica de Moçambique (Reitoria) - Rua Marques de Soveral, 960 C.P 821 - Beira - Moçambique
Tel: (+258) 23 312835 Fax: (+258) 23 3115520

*840293819
870293816*

ESCOLA SEC. *DA D. NAMPULA*
Entrada n° *1236*
Data: *30/09/22* *14h17min*
Ass: *fl*

Apêndices

Apêndice A: Guião de entrevista dirigido ao professor

O presente guião de entrevista é dirigido aos Professores da Escola Secundária de Nampula, localizada na Cidade de Nampula. A partir deste guião de entrevista, objectiva-se fazer recolha de dados pertinentes a contemplação de um trabalho monográfico a ser submetido na Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação. Sendo assim, pede-se minuciosamente a colaboração do entrevistado para a consumação da recolha de dados.

1. O que entendes por *feedback*?

2. Que tipo de *feedback* tem dado aos seus alunos?

3. Para que serve o *feedback* no PEA?

4. Qual é a pertinência em fornecer o *feedback* no PEA?

5. Qual é a relação entre *feedback* e o aproveitamento pedagógico?

6. Como o *feedback* pode ser uma estratégia pedagógica?

7. Em que condições fornece o *feedback*?

8. Como tem fornecido o *feedback*?

9. Como tem sido dado o *feedback* no PEA?

Apêndice B: Guião de entrevista dirigido aos alunos

O presente guião de entrevista é dirigido aos Alunos da Escola Secundária de Nampula, cita na Cidade de Nampula. A partir deste guião de entrevista, objectiva-se fazer recolha de dados pertinentes a contemplação de um trabalho monográfico a ser submetido na Universidade Católica de Moçambique na Faculdade de Educação e Comunicação. Sendo assim, pede-se minuciosamente a colaboração do entrevistado para a consumação da recolha de dados.

1. O que entendes por *feedback*?

2. Que tipo de *feedback* tem recebido dos seus professores?

3. Para que serve o *feedback* no PEA?

4. Qual é a pertinência em fornecer o *feedback* no PEA?

5. Qual é a relação entre *feedback* e o aproveitamento pedagógico?

6. Como o *feedback* pode ser uma estratégia pedagógica?

7. Em que condições tem recebido o *feedback*?

8. Como tem recebido o *feedback*?

9. Como tem sido dado o *feedback* no PEA?

Apêndice C: Registo das respostas

Perguntas	Respostas
O que entendes por <i>feedback</i> ?	P₁ “é mais ou menos aquela expectativa que um docente espera perante o seu processo de ensino, posso dizer é uma das expectativas que qualquer um espera perante esse processo de ensino e aprendizagem”. P₂ “é aquela reciprocidade de comunicação onde há um emissor, há um receptor e vice-versa, o receptor pode virar ser emissor”. P₃ “é uma expressão inglesa que está na relação de retorno, no processo de ensino e aprendizagem, então o professor na sala de aulas espera que aquilo que vai mediar como conhecimento o aluno mostre reacção que confirme que percebeu a aula e isso será o <i>feedback</i> podendo ser negativo ou positivo”. A₁ “é um procedimento de correcção que o professor faz aos seus alunos, e vice-versa”. A₂ “é o processo de ensino e aprendizagem cujo principal objectivo é de relembrar os conteúdos já estudados antes”. A₃ “é um método usado para ajudar o aluno a melhorar suas capacidades, muitas vezes é usado pelos professores”.
Que tipo de <i>feedback</i> tem dado aos seus alunos?	P₁ “nas avaliações escritas é a partir daí que nós temos que ter pelo menos aquilo que o aluno é, ou posso dizer daquilo que a própria turma em geral é”. P₂ “eu vou para uma interacção, um diálogo interactivo, se nós fossemos para os métodos de ensino diríamos que valorizo mais a interacção activa (elaboração conjunta) onde todos nós podemos questionar, todos nós podemos responder, todos nós podemos explicar factores e eu penso que este meio é que garante um sucesso naquele que seria resultado do PEA”. P₃ “há muitos tipos de <i>feedback</i> que posso esperar dar, estaremos a falar por exemplo da frase, dos constituintes de fundamentação e eu falo ali de sujeito, predicado, complemento, simulo uma frase e se o aluno estiver na capacidade de produzir uma frase que combina aqueles constituintes todos, uma frase da sua autoria,

	<i>então eu sinto que o que eu mediei chegou, então é um feedback positivo”.</i> <i>A₁ “o feedback que recebo dos meus professores, normalmente tem sido o feedback avaliativo, isto é, o professor faz algumas questões para apenas avaliar até que ponto o aluno consegue usar o seu raciocínio”.</i> <i>A₂ “tenho recebido o feedback dos meus professores como: TPC e avaliação diagnóstico”.</i> <i>A₃ “dos meus professores eu recebo o feedback em forma de teste, exercícios, trabalhos, TPC e perguntas aleatórias”.</i>
Para que serve o feedback no PEA?	<i>P₁ “nesse processo de ensino e aprendizagem serve como meio de avaliação, posso dizer auto-avaliação assim como do próprio estudante”.</i> <i>P₂ “aparece como uma ferramenta, uma estratégia que vai catapultar as capacidades cognitivas do educando, neste caso, porque o objectivo apesar do processo de ensino e aprendizagem todos aprendem, mas ali nós temos o estudante como peça-chave da construção do conhecimento”.</i> <i>P₃ “é necessário em todo o processo, principalmente no PEA porque será a partir desta resposta que nós professores teremos que nos controlar se o conhecimento programado chegou, como chegou, se não chegou o que se pode fazer, quando fazer, então é necessário o feedback nesse processo”.</i> <i>A₁ “no PEA, o feedback serve para auxiliar o domínio dos conteúdos aos alunos, em suma é formativo”.</i> <i>A₂ “serve como um instrumento que ajuda o professor a recapitular e estimular os conhecimentos”.</i> <i>A₃ “no PEA serve para ajudar o aluno em termos de conhecimentos transmitidos pelo professor, ajuda na planificação da aula de como ensinar e o que é o processo para tal o feedback, tem como principal fonte ajudar todos que fazem parte do PEA e uma forma moderada”.</i>

Qual é a pertinência do <i>Feedback</i> no PEA?	P₁ “a pertinência é tanto isso de ver o nível de aprendizado, ou nível do domínio da matéria”. P₂ “é uma ferramenta para trazer habilidades aquela capacidade de interação, capacidade de fazer se explicar, capacidade de fazer chegar a ideia no estudante”. P₃ “a importância vejo mesmo esse lado de controlar ou facilitar o professor na execução das suas actividades dentro do Processo de Ensino e Aprendizagem, então não dá adiantar tipo cumprir o programa enquanto conhecimento não fique no aluno”. A₁ “tem a pertinência de corrigir ou erigir aquilo que o aluno não conseguiu ou teve a dificuldade de dominar, formular, desenvolver”. A₂ “o feedback desempenha um papel fundamental porque ele faz com que o aluno retorne a assimilar a matéria dada anterior”. A₃ “é como um instrumento ou método usado para qualificar os alunos de modo a obter bom aproveitamento pedagógico de ambos os lados”.
Qual é a relação que existe entre o <i>feedback</i> e o aproveitamento pedagógico?	P₁ “uma depende da outra, porque dificilmente pode existir um aproveitamento pedagógico positivo em alguns alunos em que o feedback, a correspondência é muito fraca, não que os alunos baseiam-se nos outros colegas, mas uma avaliação rigorosa do próprio professor pode descobrir que afinal de contas esse aproveitamento pedagógico nesse processo de ensino e aprendizagem também corresponde daquilo que foi o resultado da sua actividade”. P₂ “se nós formos a ver em termos de conhecimento cognitivo, não só conhecimento cognitivo o desenvolvimento das capacidades da oralidade, capacidade do desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento da linguagem concorda também com o crescimento das capacidades e quanto mais palavras o individuo tem, o seu desenvolvimento intelectual é proporcional”. P₃ “dentro do processo tem a parte inicial, média e final, então, é preciso que a cada passo que for sendo dado monitorar,

	<i>controlar, ver como é que aquele processo está sendo gerido, nisto é preciso o professor fazer-se presente com muita estratégia, verificar se o conhecimento está a chegar para o aluno, porque o contrário você aí andar, adiantar ou usar a velocidade sem que o essencial que é a transmissão de conhecimento chegue no aluno”.</i> <i>A₁ “é de que ambos têm uma relação de avaliação, visto que o feedback avalia o domínio ou assimilação do conteúdo no aluno durante a aula enquanto que o aproveitamento pedagógico faz uma avaliação final”.</i> <i>A₂ “é o facto de o feedback estimular os conhecimentos de uma forma eficaz e consequentemente o aluno ou professor assimilar mais o conhecimento em causa”.</i> <i>A₃ “através do feedback os alunos podem obter boas notas, de um modo geral feedback também é uma forma ou estratégia mais usada pelo professor que ajuda no aproveitamento pedagógico. A qualificar o aluno e transmitir conhecimentos”.</i>
Como o feedback pode ser uma estratégia pedagógica?	<i>P₁ “trabalho em grupo, TPC, pode não corresponder com a realidade do estudante. Seria mais viável se depois do trabalho ser feito em casa o aluno voltasse a apresentar em sala de aulas, não somente nas ciências exactas, mas também naquelas outras áreas práticas no caso de empreendedorismo, culinária em vez de o aluno trazer o produto feito, poderia fazer algumas demonstrações no recinto escolar, assim o professor diria que esse estudante fez e compreendeu, dentro da sala, através da contribuição voluntária do estudante ou através da parte do próprio professor”.</i> <i>P₂ “quando o professor aplicá-la nos devidos momentos, no momento que esta exactamente a transmitir o conhecimento, criar condições de feedback”.</i> <i>P₃ “acredito que nem todos os profissionais de educação usam a estratégia de feedback e para que isto aconteça implica que todos conheçamos qual é a vantagem é qual é a desvantagem do feedback, o que é que isso oferece para o processo de ensino”.</i>

	A₁ “a partir do momento em que o professor faz uma pequena questão aos alunos, ou ainda, faz um questionário de exercícios para que os alunos possam resolver ou responder”. A₂ “em termos de avaliação, isto é, o professor fazendo perguntas da matéria anterior e o aluno responde com base na questão”. A₃ “porque com esse método passam a ser mais fácil o carácter avaliativo de um modo que o professor pode qualificar os alunos não só pelas notas, mas sim pela prontidão que se fazem na sala de aulas ao responder qualquer questionário”.
Em que condições fornece o <i>feedback</i> ?	P₁ “o PEA é completamente mútuo e muita das vez no momento em que o aluno traz algumas informações depois de tudo o professor é responsável em analisar, avaliar e se for possível dar síntese, ou seja corrigir aquilo que não é de acordo com a expectativa com aquilo que deveria ser o contributo, acrescentar aquilo que está em falta na parte do aluno”. P₂ “primeiro tem que ter métodos de ensino, é preciso primeiro privilegiar o método de elaboração conjunta onde você põe em causa as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem e cada parte tem que aparecer para se explicar, cada parte é obrigada a discernir e explicar aquilo que está a pensar, então é exactamente estabelecendo esse dialogo que o <i>feedback</i> marca a sua presença”. P₃ “o <i>feedback</i> pode aparecer a qualquer momento da aula, no princípio, no meio, no final, na passagem de um conteúdo para o outro, pode aparecer aqui o <i>feedback</i>”. A₁ “são muitas condições que meus professores criam, alguns falam, outros escrevem nos meus trabalhos”. A₂ “recebo o <i>feedback</i> na sala de aulas, na internet, em casa, na biblioteca”. A₃ “de boa forma na sala de aulas, ou melhor no decorrer das aulas, de uma forma ou outra forma decorre, acontece esse fornecimento de uma forma desapercibida”.

Como tem fornecido o <i>feedback</i>?	P₁ <i>“tratando-se de trabalhos de casa, testes escritos depois da leitura e correcção sinto-me obrigado como professor escrever como deveria ser ou mesmo rectificar algumas expressões que não são coerentes ou não vão de acordo com a expectativa e é como se for um trabalho feito pelos alunos e apresentados em sala de aulas em casa apresentação, sinto-me obrigado a dar a minha opinião”</i>. P₂ <i>“é no uso dos métodos de ensino, há métodos de ensino que favorecer a reprodução e a sistematização, há métodos que não favorecem não abrem o feedback, então é preciso buscar o método de ensino que concentram-se no diálogo”</i>. P₃ <i>“oralmente, por escrito. Se estiver na sala de aula, no contexto da sala de aula. Se for numa prova, faço uma anotação daquilo que ele fez erradamente do que devia fazer”</i>. A₁ <i>“recebo o feedback escrito, oral”</i>. A₂ <i>“tenho recebido o feedback e, forma de pergunta, revisão ou fazendo leitura”</i>. A₃ <i>“o feedback recebo na sala de aulas através das perguntas feitas pelo professor, exercícios ou textos que podem ser dados como trabalho individual ou em grupo”</i>.
Como tem sido dado o <i>feedback</i> no processo de ensino e aprendizagem?	P₁ <i>“tem sido um pouco complicado, primeiro devido a natureza das nossas turmas que não é tão fácil encarar cada situação, isso constitui um problema muito sério por isso que muitos dos nossos colegas, o maior número dos professores só observa a característica física do trabalho e não o conteúdo”</i>. P₂ <i>“depende da estratégia, depende da capacitação da formação do professor. Nós temos vários níveis de formação, vários institutos de formação, mas se formos na linha actual dos métodos actuais de aprendizagem o feedback aparece como uma das tarefas privilegiadas para o momento em que nos centrarmos na aprendizagem centrada no estudante”</i>. P₃ <i>“naquele diálogo que o aluno pode passar uma informação que oferece reacção face a uma dúvida do aluno que já continua</i>

	<i>isso um reparo daquilo que o aluno fez que não devia ser feito, já é esta retroacção ou é o material escrito”.</i> <i>A₁ “depende dos professores, alguns escrevem nos trabalhos, outros escrevem no quadro quando a maioria tem dúvida”.</i> <i>A₂ “o feedback tem sido algo muito retroactivo que facilita a minha percepção e adquirindo conhecimento de forma definitiva”.</i> <i>A₃ “os professores dão feedback em plena aula e na sala de aulas”.</i>
--	--